TL 2742

CIDAC
Centro de Documentação

TIMOR: AURORA DE UMA LIBERTAÇÃO

Timor é uma colónia. Uma colónia como tantas outras em que a penetração colonial sempre obedeceu a critérios de ordem económica. Foi o sândalo branco "salutífero e cheiroso", o móbil que impulsionou e favoreceu a radicalização do colonialismo em Timor.

A estratégia geral dos Descobrimentos foi possível através da aliança Igreja-Estado. Com uma espada na mão e na outra a cruz se pretendeu fazer a "lusitanização" dos povos Timores, dificultada pelas lutas travadas entre estes e os invasores, que sòmente através do seu poderio militar e fomento de prática divisionistas -"DIVIDIR PARA REINAR" - foi possível. De início e por conhecimento das riquezas existentes, Timor actuou como feitoria comercial. O sândalo abundante naquelas paragens e muito apreciado na China e zonas comerciais limítrofes, foi a causa da ocupação e consequente pilhagem por parte dos portugueses. Estes no intuito de um enriquecimento voraz chegaram ao ponto de até vender raízes, já que mais não havia... Nas zonas vizinhas plantava-se café que viria a ser o substituto do sândalo. De notar que a cultura do café é exigente, quer no que respeita a uma política de emparcelamento territorial, quer na introdução de novas formas de administração política. Timor deixa de poder ser uma feitoria comercial para passar a exigir a intervenção directa do poder político, nòmeado pelos vice-reis da Índia.

Nos fins do séc.XIX e princípios do séc.XX tornam-se necessários os comandos militares - "aparelhos repressivos militares" - chefiados pelos "cabos" do exército colonial e, as escolas missionárias, autênticos agentes de propagação ideológica. É com a cultura do café que o colonialismo se instala definitivamente em Timor.

Das suas múltiplas manifestações até agora é do que nos vamos ocupar.

Sendo o aspecto económico o factor determinante dos restantes comecemos por aquele.

A implantação da cultura do café veio destruir progressivamente as culturas de subsistência: instala-se deste modo um sistema de monocultura que visa o lucro dos latifundiários com a consequente exploração dos Povos Timores e a generalização da fome, quer do ponto de

de vista qualitativo, quer do quantitativo; Instalam-se unidades de consumo cuja finalidade é o fomento de necessidades secundárias - hábitos de consumo alimentar de valor proteico-vitamínico nulo ou reduzido. Assistimos as íntimas ligações de económico com o administrativo-judicial. A monocultura anteriormente citada exige a introdução de novas formas de intervenção político-administrativa que assimilam e/ou desmantelam o poder gentílico. Essas novas formas de intervenção implicaram até à data a subtracção de elementos válidos da população através da mobilização destes para companhias de 2ª linha, e uma acção psico-social corrupta levada a efeito pelas tropas metropolitanas estacionadas na Colónia (prostituição, homossexualidade, filhos abandonados e desvio de menores). Por outro lado, estas novas formas de poder político utilizaram os meios mais violentos de opressão dos povos sempre que estes se sublevaram contra o invasor colonialista. Se , por um lado, se verifica a mobilização de elementos válidos da população para o trabalho de tipo esclavagista nas plantações dos grandes detentores da terra na reparação de estradas - aliás só possível pela existência de uma administração colonial com tradições de corrupção onde a participação política dos Timores é uma farsa - por outro lado, os poucos técnicos de que a Colónia dispõe são utilizados exclusivamente ao serviço das classes possidentes, acabando por constituir uma elite tecno-burocrática inútil e parasitária. De salientar que os técnicos e o funcionalismo público timores são vítimas de segregacionismo racista e política. No que concerne ao sector educacional, o colonialismo subestimou e marginalizou as culturas autóctones - quando não as destruiu - mantendo um ensino desarticulado das realidades, altamente selectivo e viciado ideológicamente levando a efeito uma política de comunicação social tendente a servir as classes dominantes, pela prática de uma consciente e selvática deturpação de informação, politizando duma forma alienatória e atentória das manifestações culturais e criadoras do povo. A formação de técnicos operada em termos dum ensino viciado conduz à sua inserção nas estruturas colonialistas. As práticas recreativas e desportivas na Colónia não são outra coisa senão vias conducentes à alienação e a consequente perda das potencialidades reivindicativas.

Relativamente aos aspectos sócio-assistenciais, a cultura do café como todo o cortejo de consequências dela provenientes, provocou

um deficientíssimo sistema alimentar, apesar da riqueza do solo, traduzido numa desnutrição constante manifesta pela abundante existência de doenças carenciais. O colonialismo manteve uma deficiente rede sanitária não obstante as doenças e uma elevadíssima taxa de mortalidade infantil além de nunca se preocupar com o desenvolvimento de uma política habitacional conducente à resolução dos mais elementares problemas de higiene e saúde públicas.

Se até agora nos preocupamos com a levantamento quase descritivo das realidades históricas, políticas, económicas e sociais, adiantamos com um modelo explicativo que nos fornece não só uma visão unitária dos fenómenos como uma análise ao nível dos vários sectores (económico, político-administrativo, educacional e sócio-assistencial) e a articulação entre eles.

A introdução do ciclo do café posterior ao do sândalo estabeleceu definitivamente o colonialismo que substituiu a pilhagem das riquezas naturais até aí vigente na medida em que estas eram de fácil acessibilidade. Se, com a pilhagem era possível manter Timor como feitoria, a introdução do ciclo do café impossibilita aquele estado de coisas e exige a mudança radical das estruturas político-administrativas e das formas de apropriar. A expropriação das terras levada a efeito violentamente e tornadas propriedade do estado colonialista provocou a sublevação dos povos, tomando esta, às vezes aspectos duma estratégia organizada. Periodizam-se os envios das forças repressivas que actuarão a favor das classes dominantes agudizando desta maneira as contradições já existentes entre elas. O colonialismo vai refinar as forças de exploração suavizando, aparentemente, a repressão. As novas máscaras do colonialismo são o neo-colonialismo e o federalismo que é uma forma primitiva do processo neocolonial. Sendo assim, e porque o neocolonialismo e o federalismo não fazem outra coisa senão manter a estrutura de classe existente, procurando no entanto, duma maneira reformista, escamotear as contradições entre as classes, não hesitando em recorrer à penetração do poder económico estrangeiro, pondo-se desta forma a sol do do Imperialismo e, continuando assim, de uma forma velada a dominação humilhante dos povos, a única via realmente libertadora destes é a INDEPENDÊNCIA.

Posteriormente iremos especificar as nossas considerações tendo como objectivo de análise a problemática de Timor.